

## *Ao Clero de Lisboa – sobre Oração*

Senhor Patriarca,  
Eminência e Excelências,  
Caros Padres,

Fizeram-me três perguntas: O que distingue a espiritualidade Cristã das outras espiritualidades? Qual é a componente especificamente Católica da espiritualidade? Qual o papel da oração na vida dos padres e dos leigos? Tenho meia hora à minha disposição. Por isso, tenho de fazer escolhas! Vou abordar as duas primeiras questões brevemente, remetendo-vos para fontes que são em qualquer caso bem conhecidas por vós. Isso permitirá concentrar-me sobre a questão da oração, especificamente sobre a oração dos padres. Trata-se de um tema de imensa e decisiva importância, embora muitas vezes eu tenha a impressão, seja um tema negligenciado.

Na sexta-feira da primeira semana do Tempo Comum, logo a seguir ao Natal, a Igreja dá-nos no Ofício de Leitura uma passagem da *Oratio contra gentes* de Atanásio. Este texto é normalmente datado do seu primeiro exílio, passado no norte da Alemanha, em Trier. Atanásio fora expulso da sua Sé de Alexandria após sete anos como bispo. A sua defesa da doutrina Católica sobre a natureza de Jesus Cristo, tal como definida em Niceia, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, "*Deus de Deus, Luz de Luz*", tinha-se tornado desagradável para muitos dos seus irmãos bispos, seduzidos pela doutrina ariana. Mandaram Atanásio para o mais longe possível, provavelmente na esperança de que ele nunca mais regressasse a casa. Temos de nos lembrar deste contexto para compreendermos todo o impacto das suas palavras.

A preocupação de Atanásio é expor o início do prólogo do Quarto Evangelho, no qual, ele escreve, "*João, o teólogo, ensina que nada existe ou permanece em existência exceto no Verbo e através do Verbo*". Atanásio prossegue:

*Pensem num músico a afinar a sua lira. Pela sua habilidade ele ajusta as notas altas às baixas e as intermédias ao resto, e produz uma série de harmonias. Assim também, a sabedoria de Deus sustém o mundo como uma lira e une as coisas no ar às da terra, e as coisas no céu às do ar, e*

*põe cada parte em harmonia com o todo. Por seu decreto e vontade regula-os a todos para produzir a beleza e a harmonia de um único universo bem ordenado. Mantendo-se imutável com o seu Pai, ele move toda a criação com a sua imutável natureza, segundo a vontade do Pai. A tudo ele dá existência e vida de acordo com a sua natureza, criando assim uma harmonia maravilhosa e verdadeiramente divina.*

Sabemos como Agostinho gostava de música, como os cânticos do *Duomo* de Milão lhe penetravam na alma. Esta passagem mostra que também Atanásio era sensível à música. Ele compara Cristo, a Palavra do Pai, ao tom de concerto pelo qual os instrumentos de uma orquestra são afinados. Cristo, através de quem e para quem todas as coisas foram criadas, é o único princípio pelo qual a criação revela a sua coerência. Isto aplica-se ao macrocosmos do universo ainda em expansão; não se aplica menos ao microcosmos das nossas vidas. Só conduzindo a nossa vida em Cristo, permanecendo nele, obedecendo aos seus mandamentos, seguros do poder redentor da sua cruz e ressurreição, encontramos plenitude e liberdade. *Contra gentes* de Atanásio é a Primeira Parte de uma obra em dois volumes. A segunda parte da obra é o tratado *De Incarnatione*. Neste último texto, Atanásio sublinha o impacto existencial da encarnação do Verbo. A ortodoxia nicénica não é uma questão de abstração teológica; diz respeito à nossa autocompreensão e sentido de propósito. O facto de Deus se ter feito homem confere à natureza humana um potencial sublime. O Verbo, diz Atanásio, *"tornou-se humano, para que nós nos tornássemos divinos"*. Pelo seu poder divino somos capacitados para ser, ainda nesta vida atual, "participantes da natureza divina", como S. Pedro diz na sua segunda carta (1:4). A espiritualidade Cristã é uma espiritualidade que toma esta perspectiva como garantida. A espiritualidade que não o faz não é integralmente Cristã.

Poderão objetar: mas não é "espiritualidade" basicamente uma questão de vida no Espírito? É claro que sim. Mas o Espírito é o Espírito de Cristo. É absurdo e irresponsável criar uma clivagem entre os dois. A este respeito, há um parágrafo que merece reflexão na útil declaração *Dominus Jesus*. *"Há ainda"*, dizem-nos,

*quem sustente a hipótese de uma economia do Espírito Santo com um carácter mais universal que a do Verbo Encarnado, crucificado e ressuscitado. Também essa afirmação é contrária à fé católica, que, ao contrário, considera a encarnação salvífica do Verbo um acontecimento trinitário. No Novo Testamento, o mistério de Jesus, Verbo Encarnado, constitui o lugar da*

*presença do Espírito Santo, e o princípio da sua efusão na humanidade, não só nos tempos messiânicos, mas também nos que precederam a sua entrada na história. (DI 12)*

Isto permanece axiomático e de forma útil permite-nos identificar a especificidade Católica da espiritualidade. O adjetivo "católico" chega-nos do grego através do latim, onde o encontramos como advérbio, *kath'holon*, que significa "de acordo com o todo". Aristóteles contrastou o que é "*kath'holon*" com o que é "*kath'hecaston*", "relativo a especificidades". É "católico" conter uma soma de pormenores e transformá-los num todo elegante. A espiritualidade Católica é espiritualidade que se desenvolve na integridade da fé da Igreja, em que cada parte está afinada com o tom que harmoniza o todo. Alimentar-se da espiritualidade Católica é acreditar com a fé da Igreja, para resistir à sedução dos encantos subjectivos que reduzem ou diluem o "mistério" da fé. É manter-se sempre firme e com determinação, *in medio Ecclesiae*.

Estas verdades teológicas têm influência na vida Cristã quotidiana e na oração? Claro que sim. A espiritualidade é a aplicação da doutrina. Trata-se do Espírito a moldar Cristo em nós. Para rezar bem, temos de acreditar corretamente. Devemos saber em quem depositamos a nossa confiança (2 Tim 1:12). Caso contrário, como é que nos poderíamos abandonar nas mãos de Deus? A oração é uma auto-rendição iluminada. Quando os discípulos pediram ao Senhor: "*Ensina-nos a rezar*", ele ensinou-os a viver (Mt 6:9-13).

Como padres, somos homens consagrados. Fizemos da nossa vida uma dádiva, prometendo continuar a dá-la até à morte. Ser padre não é apenas ser treinado para determinadas funções. Ser padre é viver uma vida derramada. A essência dessa vida é a oração. A oração não é uma atividade a par de outras actividades. A oração é a atmosfera em que vivemos. A oração é o tender para Deus, essa decidida recetividade da graça, que deve qualificar todos os nossos momentos, mesmo quando estamos a dormir.

Para viver desta forma, temos de aprender a confiar em Deus. Será que o fazemos? A dúvida insinua-se. Mesmo que não duvidemos da existência de Deus, podemos por vezes duvidar da Sua bondade. Cedemos à tentação da serpente, e pensamos que Deus é como nós: manipulador e pouco fiável. Como resultado, acumulamos confortos e seguranças. Fazemos

provisões “para o caso de ser necessário”, transferindo o foco da nossa confiança de Deus para nós. E a oração seca.

Jesus disse aos seus discípulos: "*Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor' entrará no Reino do Céu*". (Mt 7,21). Ele também disse: "*o Reino de Deus está entre vós*." (Lc 17,21). Posso deixar de entrar numa realidade que trago dentro de mim? Sim. Esta realidade particular é maior do que eu. Para entrar, tenho de reconhecer a minha pequenez. Tenho de reconhecer quem é o Rei, e isto é o mesmo que aprender a rezar.

É bom perguntarmo-nos: eu vivo a minha consagração de tal forma que posso dizer, em relação a cada aspeto da minha vida, "Jesus é o Senhor"? Afirmo o senhorio de Cristo sobre os meus instintos e apetites? Ou mantenho alguns bolsos cosidos para uso privado, satisfazendo desejos, sonhos e imaginações a que renunciei formalmente? Jesus é o Senhor das minhas paixões? Ou subalugo certas áreas a mim próprio, respirando brasas de ressentimento, saboreando o travo amargo da raiva? Cristo é o Senhor do meu passado e do meu futuro? Ou abraço as conquistas, as experiências, prazeres e mágoas de anos longínquos, enquanto faço planos para um amanhã que não é meu? Ao examinarmo-nos nestes termos, descobriremos se a nossa oração é verdadeira ou se é apenas o bater de um gongo.

É importante colocar estas questões com honestidade e serenidade. Não é uma questão de nos batermos a nós mesmos. Cada coisa *não entregue* que eu encontro, dentro (ou fora, se for um objeto material ou uma posse) dá-me a oportunidade de renovar a dádiva sacerdotal do meu eu. E esta é uma oportunidade de graça e de alegria. Num livro recente, a filósofa Zena Hitz escreve sobre as distrações na oração: "*As nossas distrações*", afirma, "*são incursões dos nossos verdadeiros desejos*". Posso recitar frases devotas sem parar, mas se os meus pensamentos estiverem na posição que desejei mas não obtive, na humilhação que sofri, ou numa fantasia sensual, então o meu coração não está na minha oração. Como diz o ditado, *Si cor non orat, lingua in vanum laborat*: "*Se o coração não reza, em vão trabalha a língua*". Vale a pena prestar atenção às nossas distrações, não para as alimentar, mas para seguir o seu rasto até onde o nosso coração, e por isso o nosso tesouro, está, para fazer delas uma dádiva alegre ao Senhor (cf. 2 Cor 9:7).

Até agora, falei da oração em termos de consagração sacerdotal. *Simplex fac cor meum*, rezamos com as palavras do Salmo 86: "*Concedei-me Senhor um coração indiviso*". Só um coração assim encontra a liberdade e, por fim, a alegria. A ideia bíblica de consagração está associada ao holocausto. Não se dão meros restos ao Senhor dos Exércitos. Recordemos o exemplo sinistro de Ananias e Safira no livro dos Actos. Gostaria agora de considerar mais quatro aspectos particulares da oração.

1. Oração Vocal. Como padres, somos obrigados a rezar o Ofício Divino. Estamos conscientes deste facto como um dever. Estamos a ver o privilégio que isso é? A meu ver, a parte mais bonita da *Sacrosanctum Concilium* é a introdução ao capítulo sobre o Ofício Divino: "*Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor. Continua esse múnus sacerdotal por intermédio da sua Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação de todo o mundo.*" O breviário estrutura a nossa vida espiritual. Proporciona *lectio divina*. Mas isso não é tudo. Introduz-nos num ato objetivo de louvor, recordando-nos que Deus é adorável, infinitamente glorioso. Parte do ministério sacerdotal é a adoração gratuita de Deus em antecipação da eternidade, quando o nosso ser se tornará louvor. Nesta perspetiva, a nossa oração vocal adquire uma dimensão escatológica. Incorpora-nos, até ao limite que a nossa existência terrena permite entrar, na dinâmica da Santíssima Trindade. O Filho de Deus deixa ressoar na terra o seu cântico de louvor intemporal através de nós. Que nunca seja silenciado.
2. Oração Eucarística. "*A Eucaristia é fonte e cume de toda a vida cristã*"(CIC 1324). Um sacerdote é ordenado para ser o agente deste mistério, mas não como um profissional treinado para desempenhar uma função extrínseca, como um padeiro a fazer pão. O padre não se limita a executar os mistérios sagrados; é arrebatado neles, misteriosamente atraído para o sacrifício. O rito da ordenação termina com a exortação do bispo: "*Toma consciência do que virás a fazer, imita o que virás a realizar e conforma a tua vida com o*

*mistério da cruz do Senhor*". Estas palavras não são vãs. Ordenado para ser e agir *in persona Christi*, simultaneamente Sacerdote e Vítima, somos chamados não apenas a permanecer no altar; em união com Cristo, somos chamados a oferecer-nos nele - não através de um sentimento inflamado da nossa importância ou valor; pelo contrário, somos atraídos para a *kenosis* de Cristo. O escritor de viagens inglês Patrick Leigh-Fermor escreveu um pequeno livro, "*A Time to Keep Silence*", em 1957. Descreve visitas a três mosteiros. Um deles era *La Grande Trappe*. Tendo ficado numa hospedaria destinada a sacerdotes, encontrou um pedaço de papel fixado na parede do seu quarto. Enumerava uma lista de atributos sacerdotais. A última frase dizia: "*Le prêtre est un homme mangé*" "*O padre é um homem devorado.*" Li o livro de Leigh-Fermor pela primeira vez nos meus vinte e poucos anos. A frase agarrou-se a mim, era ao mesmo tempo assustadora e atraente. Com o passar do tempo, talvez tenha entendido o que significa. Fala-me do imperativo de nos tornarmos Eucaristia, alimento para os outros, uma atitude que pressupõe a radicalidade da vida "em Cristo" que vimos acima. Porque é Cristo que alimenta, não eu. Sou como a hóstia, insípida em si mesmo, sem nutrientes, um humilde elemento nas mãos do único grande Sumo Sacerdote. Só ele pode fazer algo a partir do nada. Uma oração sacerdotal tradicional diz: "*O bone Iesu, fac ut sim sacerdos secundum Cor tuum*", "Bom Jesus, fazei de mim um sacerdote segundo o Vosso Coração". O seu Sagrado Coração, não o esqueçamos, permanece trespassado até ao fim da história.

3. Oração Pastoral. Atualmente, fala-se muito do ministério pastoral. Por vezes, tem-se a impressão de que a pastoral eclipsou a dimensão sacrificial do sacerdócio. Trata-se de uma distinção que, no entanto, não faz sentido. "*O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas*" (Jo 10:11). Este mandato é intemporal. É delicado falar sobre esta dimensão da nossa oração. Vimos o efeito desastroso do envolvimento excessivo dos padres na vida daqueles que os procuram para obter orientação e ajuda. As fronteiras devem ser mantidas. Ao mesmo tempo, surge uma forte ligação. Não pode ser de outra forma: a graça de Cristo, dispensada através dos seus sacerdotes, é pessoal. É ainda mais crucial que o pastor esteja impregnado de oração. O Arquimandrita Sophrony Sakharov, biógrafo

de São Silouan de Athos, escreveu: *"O trabalho de um pai espiritual será infrutífero, a menos que alimentado por ardente oração do coração, a menos que implore incessantemente a Deus que lhe conceda a sua palavra e a sua bênção. Sem uma iluminação constante vinda de cima, a Igreja tornar-se-ia numa dessas agências meio cegas que actuam no mundo, envenenando a vida terrena com os seus conflitos"*. Só iluminados pela oração podemos suportar os fardos dos outros (cf Gal 6:2) sem nos deixarmos esmagar por eles e sem alimentarmos ilusões sobre a nossa própria virtude e força. Ser pastor é carregar, por vezes de forma desconcertantemente palpável, os outros. Isto pressupõe que nós próprios sejamos carregados, conscientemente, repousando nos "braços eternos".

4. Oração de Intercessão. Já abordámos a intercessão de várias formas. Gostaria de abordar agora de um ângulo particular. Pouco antes de fazer a minha profissão como monge, recebi um cartão de um conhecido. Continha a fotografia de um fresco da cripta da abadia de Chevetogne. Mostrava um monge numa cruz com a legenda *ὁ μοναχὸς ἐσταυρωμένος*, "o monge crucificado". A imagem desconcertou-me, para dizer o mínimo. Só mais tarde é que vi a explicação escrita a esferográfica no verso: *"Esta é uma imagem de alguém tão completamente configurado a Cristo que já não contempla o Senhor na Cruz, mas vê o mundo com os olhos de Cristo crucificado"*. Fiquei estupefacto. Era uma perspectiva que eu nunca tinha considerado, mas que pude confirmar como verdadeira. Apercebi-me do que significa quando S. João diz: *"Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim"* (Jo 13:1). Só quem reza profundamente pode ver e amar o mundo assim, de olhos bem abertos, dada a rudeza e a crueldade que nos rodeia no meio de remendos de beleza. Este género de oração tem uma eficácia intrínseca. Permite um compromisso com o mundo que é ao mesmo tempo livre de ilusões e alimentado pela esperança. Este empenhamento é extremamente necessário.

Dada a composição da vossa assembleia, falei da oração sacerdotal. Mas creio que não é preciso dizer, que cada um dos pontos que referi tem uma aplicação universal.

O que importa é acreditar na realidade eficaz do amor de Deus por nós, depois decidir, deixá-lo agir livremente, aconteça o que acontecer. Esta é a essência da oração.

Para rezar verdadeiramente, temos de baixar as nossas defesas e abrir-nos. Isso pode gerar ansiedade no início, mas no fim conduz-nos à certeza de que Deus salva.

Permitam-me que cite um professor de oração cuja autoridade ultrapassa a minha. Don André Poisson, Ministro Geral da Ordem dos Cartuxos durante 22 anos, a partir de 1967. Num tratado belíssimo e breve intitulado "*A Oração do Coração*", publicado em 2001, escreveu:

*Quando, com o coração, começamos a acreditar realmente no amor infinito do Pai, somos de alguma forma impelidos a descer cada vez mais para uma positiva e alegre aceitação do despojamento, desconhecimento e impotência. Neste caso, não há uma auto-humilhação doentia. Estamos simplesmente a atravessar o limiar e a entrar no mundo do amor e da confiança. Quase sem darmos por isso, entramos em comunhão com a vida divina. As relações entre o Pai, o Filho e o Espírito estão a um nível muito superior ao nosso entendimento, uma forma perfeita de pequenez plenamente assumida na comunhão.*

Permitam-me que termine com uma oração do *Missale Nidrosiense* de 1519, indicado pelo então arcebispo de Nidaros, a Trondheim medieval, para ser recitado por todos sacerdotes do seu vasto território antes de cada celebração da Missa. É um texto que me comove profundamente. Fala de abrir, de quebrar os corações de pedra, de tirar água da rocha, de entrar na realidade da compaixão de Cristo, que, suavemente, permite aos que semeiam em lágrimas colher com alegria. Esta é a oração:

*Concede-me, Senhor, lágrimas interiores com força para limpar as manchas dos meus pecados e enche sempre a minha alma com alegria celestial. Peço-Vos, Jesus, pelas Vossas bondosas lágrimas: concedei-me a graça das lágrimas que, sem o Vosso dom, me ultrapassam. Concede-me uma fonte de lágrimas que não seque, que as minhas lágrimas sejam o meu pão de dia e de noite. Prepara esta mesa para o teu servo à tua vista, para que ela me fortaleça. Desejo saciar-me dela todos os dias".*

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen



Muito obrigado.

+Erick Varden, bispo de Trondheim, Noruega

Formação do Clero de Lisboa

23 de Janeiro 2024